

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA COMO TERRITÓRIO DE DESORDEM: ENTREVISTA COM ANTONIO CARLOS SECCHIN

Realizada por Danielle Mendes PEREIRA<sup>1</sup>.



“Na sonância do que vive / Minha fala é resistência” afirma o eu-lírico de “Água”, poema dedicado à Olga Savary, de Antonio Carlos Secchin. A fala poética, que se afirma no que resiste e re-existe pela pulsão estética, encontra espaço nas múltiplas faces de seu autor, conexas por um mesmo fio, o amor à literatura. Poeta, ensaísta, crítico literário, bibliófilo, membro da Academia Brasileira de Letras e Professor Emérito da UFRJ, ele legou e lega aos seus leitores e alunos um universo reflexivo agudo e consistente, nos quais a produção crítica e poética estabelecem diálogos profícuos.

Crítico literário arguto e profundo, amplamente reconhecido, docente inspirador, de excelência, e poeta destacado, cuja obra prima pelo requinte de uma lírica livre de

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada (UFF) e Professora Adjunta da Faculdade de Letras da UFRJ.

excessos e com imagens surpreendentes, Secchin nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1952. Formou-se em Letras e ingressou como docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1993, onde se tornou Professor Titular de Literatura Brasileira, e Professor Emérito, em 2013. Destarte, também lecionou em várias universidades de renome fora do país, na Itália, na França e na Espanha. Em junho de 2004, tomou posse como membro da Academia Brasileira de Letras na cadeira 19, em sucessão a Marcos Almir Madeira.

Na condição de ensaísta destacou-se no estudo da obra de autores como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Álvares de Azevedo, Machado de Assis e João Cabral de Melo Neto, entre outros. Aliás, Cabral externou a sua admiração pelo trabalho ensaístico de Antonio Carlos Secchin que, para o poeta pernambucano, foi o crítico que melhor analisou a sua poesia, análise esta fruto de um trabalho de pesquisa de mais de vinte anos.

O rol de obras de ensaio publicadas por Secchin é formado por *Movimento, Poesia e desordem, Escritos sobre poesia e alguma ficção, Memórias de um leitor de poesia e Papéis de poesia*. Além desses livros, publicou, acerca da obra de João Cabral de Melo Neto, *João Cabral: a poesia do Menos* e *João Cabral: uma fala só lâmina*. Sua produção poética abarca os livros *A ilha, Ária de estação, Elementos, Diga-se de passagem, Poema para 2002, Todos os ventos*, e as antologias *50 poemas escolhidos pelo autor* e *Eu & outras*.

Nesta breve entrevista, que gentilmente cedeu-nos, Antonio Carlos Secchin fala sobre o seu trabalho como ensaísta e poeta. Revela percepções sobre a crítica e a obra literária, no contexto da pós-modernidade, bem como acerca das relações entre o pensamento teórico e a construção estética. A sua fala sensível aponta para o papel de resistência da voz poética diante do cenário atual e rejeita quaisquer soluções tranquilas; “operário do precário” – verso que tomamos de “Poema do Infante” – e operário da linguagem, em fuga ao óbvio, o poeta e ensaísta conjuga a sua reflexão em uma *práxis* que inspira a todos nós, seus leitores, com sua “alta poiese”.

Danielle Pereira- “Na sonância do que vive”, qual o lugar da poesia hoje, com suas falas de resistência em meio a um cotidiano massacrante, à crise política, e ao crescimento da barbárie?

Antonio Carlos Secchin - O lugar de sempre: à margem. Conforme, certa feita, escrevi, a poesia representa a fulguração da desordem, o “mau caminho” do bom senso, o sangramento inestancável do corpo da linguagem, não prometendo nada além de rituais para deus nenhum.

D.P. - A consistência e a agudeza do seu trabalho crítico dialogam com o exercício da escrita poética. O diálogo pressupõe convergências e diferenças. É essencial ao poeta, “operário do precário”, o domínio da ciência literária ou a poesia constrói-se a partir, também, de outras premissas, independentes?

A.C.S.- Não creio em poesia espontânea: muitas vezes, a espontaneidade é termo eufemístico para justificar a ignorância. O estabelecimento de novas relações é

premissa que aproxima o bom trabalho crítico do bom trabalho poético. O *modo* de operar esse estabelecimento é fator distintivo, pois enquanto o crítico é *a priori* balizado, de algum modo, pelo texto que vai investigar, o poeta experimenta a vertigem da absoluta liberdade frente à página em branco. Tão absoluta que pode, por isso mesmo, paralisá-lo.

D.P. - Como o senhor percebe o cenário atual da crítica literária brasileira? Considera que a crítica literária tenha perdido sua força no país?

A.C.S. - Depende de que tipo de crítica se esteja falando. Em geral, foi estabelecida uma barreira entre a crítica universitária, tida como elitista, hermética e avessa ao novo, e a crítica jornalística, tida como superficial e despreparada. O crítico-juiz saiu de cena (ainda bem), mas isso não significa que se deva acatar o vale-tudo, em que, por isso mesmo, nada vale.

D.P.- A autopoiese é uma questão cujo debate emerge de modo potente na produção crítica brasileira. Esse é um tema que interessa ao senhor? Como considera a relação entre vida e obra, em um universo pós-moderno, marcado pela experiência da performance e da imagem?

A.C.S. - Gostaria de que a autopoiese e a autoficção gerassem alta poiese e alta ficção, o que nem sempre é o caso. Desconfio das exacerbações narcísicas que tendam a pretensamente se avalizar unicamente pelo fato de expressarem a voltagem performática do autor. O único corpo de que a poesia carece é o das palavras, não o de quem as escreve.

D.P.- A partir da década de 90, os Estudos Culturais pontuaram novos caminhos no que concerne à compreensão do conceito de literatura. Nesse sentido, há trabalhos que consideram a letra de gêneros musicais como rap, rock e samba, como objetos de análise literária. Como o senhor percebe esse movimento? Alinha-se a esse posicionamento?

A.C.S.- Em princípio, todo texto é passível de análise: resta saber para quê. Nos estudos culturais, com frequência, eles são utilizados para corroborar verdades que lhes são anteriores, e que lhes cabe endossar: repúdio a injustiças sociais, a preconceitos de vária natureza...Tudo bem, mas isso não é – ainda – literatura, e sim cartas de boas intenções, como se conteúdos “politicamente corretos” isentassem o autor de outros requisitos. Não existe arte sem a consideração dos parâmetros formais que ela estabelece ou desconstrói.

D.P.- Como o senhor lê a produção literária contemporânea? Quais autores e obras o senhor julga como imperdíveis?

Se, com o veículo “livro”, já era difícil acompanhar a produção literária, como fazê-lo agora, quando novas tecnologias multiplicam a difusão das obras, ao mesmo tempo em que as fracionam em ambientes cada vez mais setorizados? Talvez haja mais poetas do que eu leitores de poesia, considerando-se que muitos autores pouco se arriscam para além de seus próprios nichos.